



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **O LETRAMENTO BILÍNGUE EM MOÇAMBIQUE: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

Leonarda Jacinto José Maria Menezes

Doutoranda do Curso de Doutorado em Língua e Cultura pelo Instituto de Letras da  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

leonarda\_menezes@yahoo.com.br

Esta comunicação é o resultado preliminar de um trabalho de investigação no âmbito do curso de Doutorado em Língua e Cultura, em andamento, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Iracema Luiza de Souza. O pressuposto básico para esta investigação reside no fato de a língua portuguesa para o contexto moçambicano ser segunda língua (L2). Segundo estudos feitos por lingüistas moçambicanos como NGUNGA, (2008); LOPES, (2002); GONÇALVES, (1996), o português em Moçambique constitui-se como uma variedade diferente da do Português Europeu (PE), norma seguida oficialmente em Moçambique. Moçambique é um país multilíngüe e multicultural. Devido a fatores históricos e políticos, sofreu atrasos na valorização das línguas maternas (línguas Bantu) que são cerca de 20 línguas sem incluir a língua portuguesa e as de origem asiática. Daí, a escolha da língua portuguesa para língua de ensino formal.

O português, para além de língua de ensino formal, é língua de comunicação social, língua do Estado, língua de comunicação inter-étnica e internacional. No entanto, a questão sobre a língua de ensino tem sido objeto de acesos debates em algumas partes do mundo como a Martinica, Guadalupe, Guiné-Bissau, Angola, Moçambique e outros países. Contudo, apesar de haver algumas reações em relação à política lingüística para a educação em Moçambique, face à introdução do uso de línguas moçambicanas no ensino formal, esse debate tem sido tímido, esporádico e, acima de tudo, circunscrito a fóruns restritos e especializado. A fraca disseminação das filosofias subjacentes ao ensino bilíngüe, por exemplo, pode explicar, pelo menos em parte, a ausência de um debate público em relação à relevância do uso de línguas moçambicanas no ensino formal. Na verdade, constata-se algum cepticismo manifestado por certos grupos da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

sociedade moçambicana, incluindo pais e encarregados de educação, que pode ser analisado como uma reação natural de medo em relação a esse ensino, até então desconhecido.

Também se sabe que a grande percentagem dos bilíngües de português e língua materna moçambicana é urbanizada e, dentre estes, uma maioria ainda não determinada, domina a língua portuguesa na modalidade oral. Pode-se, pois, caracterizar linguisticamente o país por uma situação de bilingüismo acompanhado de diglossia<sup>1</sup> em que coexistem as línguas moçambicanas, todas pertencentes ao grupo bantu, as de origem asiática e o português.

No entanto, dado o nível da interferência lingüística que se tem verificado nos alunos aprendentes da língua portuguesa como L2, importa agora definir interferência lingüística.

Por interferência lingüística ou transferência negativa é o uso de uma regra ou padrão lingüístico presente na primeira língua e transferido para a segunda língua. (BORTONI-RICARDO, 1984)

Sabe-se que não se pode falar em interferência lingüística colocando de parte a interferência cultural, se se tiver em conta que a língua é uma forma de expressão cultural e que o contato entre línguas é também um contato entre culturas. A interferência lingüística ocorre sempre que há línguas em contato. Segundo NGUNGA, (2008, p. 16) nesses casos verifica-se uma interferência ou transferência negativa, que se entende como o uso de regra ou padrão lingüístico presente na Língua 1 e transferido para a L2.

Sabe-se também que no processo de aquisição de uma segunda língua há sempre interferências da língua materna, pois é freqüente recorrer-se a ela para analisar os

---

<sup>1</sup>A diglossia caracteriza-se por um comportamento lingüístico coletivo, com suas implicações sociais, psicológicas, políticas e culturais.. Segundo FERGUSON, (1974, 1959), diglossia é a coexistência numa mesma comunidade de duas formas lingüísticas ou variedades que podem ser variedade alta e variedade baixa. A diglossia, ainda segundo o mesmo autor, é uma situação lingüística relativamente estável da língua na qual, além de formas dialetais da língua, (que podem incluir um padrão ou padrões regionais) existe uma variedade superposta assaz divergente, altamente codificada, veiculando um conjunto de literatua escrita e respeitada, que é sobretudo estudada na educação formal, na escrita ou num oral formal, mas não usado em qualquer setor da comunidade para a conversação coloquial.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

dados da nova língua, dado que a língua materna interfere no pensamento do falante e tende a interferir nas línguas aprendidas em segundo lugar. Quando a língua-alvo é aprendida apenas em contexto formal, como a escola, o fosso entre o domínio das línguas é maior. Desta forma, verifica-se que a interferência da língua materna na língua-alvo ocorre em todos os níveis, sendo o lexical o mais freqüente, na medida em que tanto um pequeno elemento lingüístico como o fonema, como um maior, como o sintagma, transmitem-se, geralmente, através do elemento lexical. Contudo, não se quer dizer que esta situação não ocorra noutros domínios, como nos níveis sintático e semântico, fato que verificamos quando da pesquisa de dados. A literatura específica fala de experiências de interferência lingüística, particularmente em alunos bilíngües, à semelhança do ensino adotado por alguns países africanos na situação de multilinguismo, como é o caso da Zâmbia, Tanzânia, África do Sul e outros.

### **Motivação e relevância do Estudo**

O nosso trabalho de investigação em nível de Doutorado se insere na área da Educação Bilíngüe em Moçambique.

Como se disse acima, Moçambique é um país multilíngüe e multicultural. Todavia, imperativos de ordem política e também de ordem técnica, quando da Independência, ditaram que a língua de ensino em todo o sistema de educação fosse o português, a língua oficial. O problema principal desta decisão reside no fato de a maioria dos alunos se defronta com o fato de não perceber o que o professor diz e não ser capaz de se expressar livremente, além de a língua segunda trazer informações culturais diferentes das do seu meio.

Tendo-se verificado que os resultados escolares de ano para ano eram baixos, o Estado moçambicano decidiu introduzir as línguas maternas como meio de ensino a partir de 2003. No entanto, apesar de se ter feito uma avaliação global da nova estratégia, vezes há que duvidam da eficácia desta, sobretudo porque se verifica um fraco domínio da língua portuguesa dos alunos, tanto na oralidade como na escrita, na altura em que devem passar a usá-la como meio de aquisição de conhecimentos científicos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Outra segunda razão forte é o fato de, já na implementação do ensino bilíngüe, a transição da L1 para a L2, como língua de ensino, ser feita a partir da 4ª classe o que nos parece muito prematuro, dado que a transição da L2, língua oral, para a escrita acontece na 3ª classe. Assim, o tempo de aprendizagem da escrita na L2 pelo aluno bilíngüe é muito curto, um ano apenas, para enfrentar o ensino na L2, fato que se verifica na expressão oral dos alunos, marcada de interferência lingüística, de língua bantu para o português e do português para a língua bantu.

Desta forma, esta pesquisa pretendeu, em última instância, apresentar sugestões para uma reformulação do currículo do ensino básico bilíngüe em Moçambique, de modo a que este vá de encontro às necessidades dos alunos que nunca estiveram em contato com a língua portuguesa, e apresentar algumas estratégias de aprendizagem de língua a partir da oralidade, partindo da observação dos materiais didáticos atuais preconizados para este ensino.

Pretende-se ainda demonstrar que a mudança da língua materna para a língua segunda como veículo de ensino, o que acontece na 4ª classe, é precoce. Nesta altura, o aluno começa a aprender a ler e a escrever a L2. O ideal seria ir até a 5ª classe com a L1 como veículo de ensino, para permitir que o aluno tenha maturidade lingüística e intelectual sólida para facilitar a transferência das habilidades já aprendidas, até ao final da transição.

### **Caminhos da pesquisa**

#### **Apresentação da Amostra**

Constituiu-se uma amostra representativa que compreendeu sessenta alunos escolhidos aleatoriamente, de 4 turmas com cinquenta alunos ou mais, com idades compreendidas entre os doze e dezessete anos de idade, alunos provenientes da zona rural de Muagiwa, localidade de Gurué, e de Mugogoda, localidade de Maquivale, também da zona rural. Dos sessenta alunos, que constituíram a amostra, trinta alunos são da 7ª classe, distribuídos por duas escolas, a Escola Primária Completa de Lussa e a Escola Primária Completa de Mugogoda e outros 30 alunos são da 4ª classe, pertencentes também às duas escolas, compreendendo 15 alunos por cada sala de aula. Todos os alunos são do ensino bilíngüe, com o português como segunda língua.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Há que salientar que a Escola Primária Completa de Lussa dista de 350 km da cidade capital da província da Zambézia, Quelimane e 15 Km da cidade de Gurué, portanto zona rural e a Escola Primária Completa de Mugogoda dista de 30 Km da cidade capital Quelimane, também zona rural. Os alunos do distrito de Gurué são falantes do elómuwé e do distrito de Maquivale, falantes do echuwabo. Este estudo terá um caráter comparativo, pretende comparar as duas escolas do Ensino Bilíngüe (EB), quanto ao nível de interferências lingüísticas das duas línguas no português, língua segunda.

### **Perfil dos Sujeitos**

#### Perfil dos Alunos

Os sujeitos desta pesquisa são bilíngües, falantes do português e elomuwé e ainda falantes do português e echuwabo, todos os alunos da zona rural, com idades compreendidas entre os doze e os dezessete anos. Até a data da investigação todos os alunos inquiridos freqüentavam a 7ª e 4ª classes. A escolha destas classes foi devida ao fato de na 4ª classe ser feita a transição da L1 para a L2, fato que nos parece muito prematuro, segundo nossa hipótese, dado que a transição da L2, língua oral, para a escrita acontece na 3ª classe. Assim, o tempo de aprendizagem da escrita na L2 pelo aluno bilíngüe é muito curto, um ano apenas, para enfrentar o ensino na L2, fato que se verifica na expressão oral dos alunos, marcada de interferência lingüística, de língua bantu para o português e vice-versa. A 7ª classe foi selecionada por ser a classe terminal do ensino primário bilíngüe, e aí, supor-se que o aluno tenha já adquirido todas as competências e habilidades de ensino na L2, para enfrentar o ensino secundário, somente na L2, e se possa considerar realmente bilíngüe. Todos os alunos inquiridos têm o português como segunda língua e só falam em contexto de sala de aula, preferindo a língua materna para outros contextos de comunicação.

#### Perfil dos Professores

Todos os professores, pertencentes às duas escolas, no total de seis, não tinham formação especializada para lecionar o Ensino Bilíngüe, com exceção de um professor da escola Primária Completa de Lussa que havia recebido formação especializada para lecionar este ensino, pelo Centro de Formação de Professores Primários de Molócué (CFPP). Os restantes professores entrevistados somente haviam recebido pequenos cursos de capacitação, para lecionarem este tipo de ensino, sendo professores formados



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

para lecionarem o ensino monolíngue antes da introdução do EB nas escolas, pelo Instituto do Magistério Primário (IMAP). Relativamente às línguas que falam, todos eles são bilíngües, falando o português com alguma dificuldade e a língua materna com fluência.

#### Perfil dos responsáveis pelos alunos

Todos os responsáveis pelos alunos que foram entrevistados, no total de cinco, pertencentes às duas escolas, são domésticos, trabalhadores do campo, vivendo dos produtos que retiram das suas machambas, campo agrícola, ou pescadores, estes últimos da localidade de Mugogoda, que dista 2 km da praia, vivendo, por isso, dos rendimentos da pesca. Foi-lhes ministrada uma entrevista de natureza sociolingüística. Os responsáveis pelos alunos entrevistados todos eram analfabetos, falantes somente das suas línguas maternas, com exceção de um entrevistado que era falante de elómuwé e português, porque tinha feito a alfabetização de adultos.

#### As Línguas de trabalho

Para esta pesquisa, os alunos contemplados são falantes das línguas echuwabo e elómuwé.

A língua Echuwabu é falada na província da Zambézia, nos distritos de Maganja da Costa; Quelimane; Namacurra; Mocuba; Mopeia; Morrumbala; Lugela; Inhassunge; Mugogoda e Milange. Segundo os dados do Censo populacional de 1997, o Echuwabu é falado por cerca de 786.715 pessoas, que corresponde a 7% da população moçambicana que a tem como língua materna e é falada na faixa que liga a cidade de Quelimane à Mugogoda, cujo raio é de 45Km, aproximadamente. Esta língua faz parte das línguas do grupo Makhuwa, com o código P34.

A língua Elómuwé é uma língua com aproximadamente 1.300.000 falantes, correspondente a 8% da população e a terceira língua mais falada em Moçambique, depois do emakhuwa com 26% e do xichangana com 11% (1991). É falada no nordeste e centro da província da Zambézia e no sul da província de Nampula, concretamente nos distritos de Gurué, Alto-Molócué, Gilé e Ile. No entanto, o centro de prestígio desta língua é o distrito de Alto-Molócué, na província da Zambézia.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Esta língua, segundo Guthrie (1967:71) pertence ao grupo das línguas Makhuwa, em que a língua emákhua pertence ao código P30, a língua elómuwé ao código P32 e a língua echuwabo ao código P34.

De acordo com o II Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas (2000), no sistema ortográfico da língua elómuwé, os fonemas pós-alveolares **tt**, **tth** da variante de referência são realizadas foneticamente como /t□/ e /t□h/, sendo representadas, respectivamente, por **c** e **ch** nesta variante. Por exemplo, os vocábulos “mire**tte**” em emákhua que significa “remédio” é realizado como “ mire**ce**” em elómuwe; “murut**thu**” em emákhua que significa “cadáver” é realizado em elómuwé como “mir**uchu**”. Entretanto, esta língua, bem como as restantes línguas do grupo Makhuwa, não realizam as consoantes **b**, **d**, e **g**.

### **Técnicas e métodos**

A pesquisa foi pautada por uma abordagem qualitativa e quantitativa com enfoque sociolinguístico e etnográfico. Para tal, para além da análise documental, aplicaram-se três técnicas de levantamento de dados: a observação participante, a entrevista sociolinguística e o questionário etnosociolinguístico e demográfico, confluindo numa triangulação de dados.

Os objetivos básicos da observação participante foram, entre outros, verificar a maneira como as aulas estão sendo dadas no contexto do ensino bilíngüe, estudar as metodologias usadas pelos professores nessas aulas, verificar se as línguas faladas pelos alunos e professores em interação em sala de aula são àquelas por nós estudadas e analisadas, determinar, com base nessas observações, os domínios das línguas faladas pelos professores e alunos em contexto de sala de aula e selecionar informantes para a constituição da amostra. Deste modo, é de salientar que, esta técnica que usamos foi muito importante para a descrição qualitativa do trabalho realizado.

Já as entrevistas sociolinguísticas nesta pesquisa, os objetivos foram, entre outros, gravar a fala de cada informante, num período de meia até uma hora cada, ouvir sensibilidades sobre o ensino bilíngüe dos responsáveis pelos alunos e dos professores, bem como obter todos os dados demográficos necessários para a composição do perfil



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

do informante. Assim, os dados lingüísticos obtidos através destas entrevistas foram a base do corpus para a análise quantitativa do trabalho. A entrevista aos professores, coordenadores e gestor realizou-se em língua portuguesa e aos pais em língua elómuwe e echuwabo.

A observação participante foi realizada em contexto de sala de aula, em duas escolas da zona rural da província da Zambézia, nas localidades de Mugogoda e Lussa, distritos de Quelimane e Gurué, respectivamente. Esta técnica de pesquisa, nas localidades selecionadas revelou diferenças significativas entre as duas zonas: enquanto que os alunos da Escola Primária Completa de Mugogoda, que vivem próximo da capital provincial, Quelimane, têm uma língua, o echuwabo, com muitas palavras em português, facilitando a sua aprendizagem na segunda língua, os alunos da Escola Primária Completa de Lussa, têm uma língua, o elómuwe, que dificilmente se encontra uma palavra em português. Esta situação faz com que nas suas interações, logo a priori, o professor da língua elómuwè trabalhe um pouco mais com os seus alunos na aprendizagem da segunda língua, particularmente no léxico do português. Em termos de uso das línguas maternas, os alunos de ambas as escolas, falam as suas línguas tanto em sala de aula como fora dela, ambientes familiares, intervalos das aulas com colegas, em todas as situações de comunicação, em detrimento da língua portuguesa, o que se pode adiantar que o grau de penetração da língua portuguesa nessa zona é menor que na zona próxima da capital provincial. Julgamos nós que a língua echuwabo, possui marcas fortes da penetração da língua portuguesa, principalmente na nova geração, pós-independência, apesar de o nosso foco estar direcionado para a zona rural, onde essas marcas do português já não se verificam nas pessoas de gerações mais antigas, bisavós, avós, pais.

No entanto, a descrição dos dados etnográficos colhidos nesta pesquisa servirá para fazer uma análise quantitativa dos dados dos informantes-alunos que constituem a amostra, dados que surgiram através dos indicadores, zona, idade, língua e nível de escolaridade. Esses indicadores permitiram indicar distribuidores percentuais na quantificação dos dados que nós buscamos verificar os casos de interferência lingüística nos vários níveis gramaticais, como sintático, fonológico, lexical e semântico, no português aprendido como segunda língua nos alunos bilíngües das duas escolas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

As atividades foram as seguintes: Análise dos currículos e programas de ensino bilíngüe da 4ª e 7ª classes; entrevista semi-estruturada aos professores, aos técnicos pedagógicos, gestores (Direção da escola) e aos responsáveis pelos alunos do Ensino Bilíngüe; Aplicação de textos aos alunos nas aulas de observação – Atividades para o Desenvolvimento da Língua; Aplicação do questionário etnosociolinguístico e demográfico aos alunos da 4ª e 7ª classes.

A coleta de dados foi feita na província da Zambézia, nos meses de janeiro e fevereiro, primeira fase e nos meses de agosto à novembro de 2010, segunda fase, tempo em que as aulas decorrem e, pela facilidade de comunicação que temos com a língua materna e com a cultura local. Os dados foram coletados em duas escolas de educação bilíngüe dessa província, uma no distrito de Gurué e outra no distrito de Quelimane, das quais selecionamos duas turmas representativas da 4ª e 7ª classes, compondo um universo de 200 alunos, sendo 50 para cada uma das turmas. O material que foi usado para a coleta e análise de dados foram textos produzidos pelos alunos, entrevistas, questionários etnosociolinguísticos e demográficos, manuais e programas de ensino da 4ª e 7ª classes.

Feito isso, se constituiu uma amostra de 60 alunos, sendo 15 de cada uma das turmas escolhidas, aleatoriamente; 6 professores das duas escolas; 1 gestor deste ensino e 6 pais. Para obter os dados sobre o desempenho lingüístico dos alunos, relativamente à questão das interferências lingüísticas da L1 para L2, foi utilizada uma tarefa de produção de textos, a partir da nossa proposta. Esses textos foram analisados com base em categorias analíticas respaldadas teoricamente pela lingüística textual e a sociolingüística, bem como trabalhos de autores que vêm estudando questões ligadas à política lingüística de Moçambique e de outros países em que a situação do multilinguismo é semelhante.

No que respeita às práticas pedagógicas foram coletados dados em aulas de observação de Português língua segunda.

Para o registro das observações foi utilizado um caderno de campo com anotações diárias. Foi feita a audição cuidadosa das fitas gravadas em áudio para levantamento de informações relevantes para a análise de dados dos professores, gestor e responsáveis pelos alunos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Com relação à produção dos alunos foram levantados elementos que atestam à proficiência, as dificuldades, as interferências anunciadas nos itens hipóteses e questionamentos.

Com os resultados dos dados desta pesquisa acredita-se que estes ajudarão a delinear a redação da tese, com vista a se encontrar formas mais adequadas para o ensino e aprendizagem do Português, como língua segunda e língua de ensino em contexto bilíngüe, ajudando a sistematizar as informações recolhidas, de forma a responder às questões de investigação e apoiar, deste modo, a argumentação.

### **Instrumentos da Pesquisa**

A pesquisa teve como motivação a questão das interferências lingüísticas dos alunos aprendentes do português como segunda língua em programa de educação bilíngüe em Moçambique, nos distritos de Gurué e Quelimane, localidades de Lussa e Mugogoda, respectivamente, ambos da província da Zambézia, zona rural, onde o português é falado por uma minoria, que habita nas sedes das localidades, falado também em contexto formal.

A pesquisa foi feita em duas fases, sendo os primeiros dados coletados em janeiro e fevereiro de 2010 e a segunda fase em agosto, setembro, outubro e novembro de 2010, fase em que as aulas estão a decorrer normalmente, os alunos fazendo provas de avaliação e os conteúdos programáticos marcados para o ano lectivo, quase terminados. Esta pesquisa assenta basicamente em dois *corpora* recolhidos com crianças falantes do Elómuwè e Echuwabo, como sendo a L1 das mesmas, de grupo bantu e, aprendendo o português como L2, em contexto de sala de aula, da escola Primária Completa de Lussa e da Escola Primária Completa de Mugogoda, respectivamente.

A produção dos dados ocorreu a partir da combinação de instrumentos (questionário) e técnicas (entrevista semi-estruturada e observação participante); objetivando a caracterização do perfil dos colaboradores da pesquisa e de suas práticas pedagógicas (professores); e, na produção dos alunos tendo em conta a perspectiva do letramento. Em decorrência dos dados produzidos, a análise está sendo realizada a partir de uma abordagem descritiva, interpretativa dos achados da pesquisa com base na organização



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

de quatro eixos de análise: 1- O perfil do aluno da 4ª classe do ensino bilíngüe que termina a 3ª classe com a introdução do português escrito; 2- o perfil do aluno que termina a 7ª classe, classe de conclusão do ensino bilíngüe, com o português como língua de ensino (oral e escrito) e a língua bantu como disciplina; 3- o perfil do professor que leciona o ensino bilíngüe; 4- o pai do aluno deste ensino que, apesar de saber da existência do ensino monolíngüe na mesma escola, prefere que o seu filho se forme no ensino bilíngüe.

Um *corpus*, referente aos alunos é constituído por uma amostra de 60 redações e 60 inquéritos por questionário de carácter sociocultural e lingüístico dos alunos envolvidos na pesquisa, retirados de um universo de 200 alunos, distribuídos por 4 turmas escolhidas em 2 escolas da zona rural. Em cada turma foram seleccionados 15 alunos aleatoriamente para constituírem a nossa amostra.

As redações versavam sobre temas relacionados com a vida do aluno na escola e/ou em casa; brincadeiras, jogos, histórias, enquadrados na realidade dos alunos e que pudessem ser realizados pelos mesmos com certa facilidade. Contudo, há que referir que os alunos da quarta classe, se encontravam num estágio de aquisição do português correspondente a um ano e meio de exposição ao português escrito e três anos e meio de português oral, o que levou a compreender o porquê das redações incompletas; das frases sem coordenação gramatical e dos erros ortográficos, para não falar do elevado nível de interferência fonética e sintática das palavras e frases escritas.

As redações foram escritas por alunos da 4ª e 7ª classes do ensino bilíngüe, por se tratar de classes que se encontram depois da classe de transição (português oral) para o ensino de português, na sua expressão escrita (3ª classe), português como L2 e pela 7ª classe, a classe final do EB, classe em que se pensa que o aluno já terá adquirido todas as habilidades do português, para se matricular na 8ª classe, no ensino monolíngüe em português.

O inquérito por questionário de carácter sociocultural e lingüístico permitiu verificar que os alunos testados tinham as idades compreendidas entre 12 e 17 anos, tendo a maior parte deles 14 e 16 anos de idade. Esses alunos, de um modo geral, falavam o elómuwè e/ou o echuwabo em casa e nos intervalos das aulas, e português na sala de aula, quando



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

fossem aulas de português. Segundo os alunos inquiridos eles falavam nas suas L1 porque os pais e familiares não falavam português e mesmo com os colegas de turma e amigos, sentiam-se mais à vontade em se comunicarem na L1.

Outro *corpus* é constituído por entrevistas feitas aos professores, aos pais e/ou responsáveis pelos alunos e gestores deste ensino, entrevistas essas, feitas em duas fases de coleta de dados. Para este *corpus*, foram entrevistados seis professores para as duas escolas; seis pais dos alunos e um gestor/coordenador do EB na Zambézia e um formador de professores afeto no distrito de Alto-Molócuè, local para onde me desloquei e morei para esta entrevista.

Para as entrevistas feitas aos pais e/ou encarregados de educação, não falantes do português, a entrevistadora socorreu-se de intérpretes credenciados, para a interpretação da língua elomuwé, que a mesma tem conhecimentos superficiais, devido à fraca exposição à língua a que está exposta, o que poderia levar a algumas lacunas na interpretação da informação. Para a língua echuwabo, não foi necessário a ajuda de intérpretes, por esta ser sua língua materna.

Os alunos da sétima classe, de um modo geral, já apresentavam uma redação mais bem elaborada, com menos erros ortográficos, com algumas frases complexas, mas, no entanto, as palavras escritas ainda eram marcadas pela interferência fonética da língua materna de origem bantu (L1) no português, (L2). No entanto, há que dizer que os alunos da Escola Primária Completa de Mugogoda mostraram ter mais conhecimentos do português, em termos de escrita, de produção frásica do que os alunos da Escola Primária Completa de Lussa, talvez devido a que os alunos da primeira escola estarem mais expostos ao português por estarem perto da capital provincial, apesar de viverem na zona rural e ainda pelo fato de os professores passarem frequentemente por processos de capacitação pedagógica do que os professores da Escola Primária Completa de Lussa, que estão distantes da capital.

Das redações recolhidas selecionamos apenas para o corpus de análise as palavras e frases que denotavam marcas de interferência lingüística da L1 dos alunos no português, L2.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Importa destacar que o estudo de um *corpus* escrito pelos alunos foi uma opção metodológica tomada, por já se ter conhecimentos sobre as interferências lingüísticas de vários níveis gramaticais que se verificam na fala oral dos alunos bilíngües no português; por se querer observar se essas interferências que ocorrem na oralidade são transmitidas para a escrita e a que níveis gramaticais ocorrem com maior freqüência, e ainda por parecer aconselhável o recurso a um corpus escrito, por este apresentar maior estabilidade e maior confiabilidade do que os dados orais marcados muitas vezes pelo sotaque dos falantes e que podem alterar a percepção dos mesmos. As variações típicas dos dados orais impediriam a análise de dados de uma forma mais comum a todas as informações recolhidas através dos alunos.

A realização fonética provenientes das L1s de origem bantu dos alunos não é permitida no PE, apesar de estudos confirmarem de que independentemente da língua falada do indivíduo, da região onde nasceu e do grau de escolaridade do falante, esses sons são realizados com freqüência, embora não sejam aceitos por alguma camada intelectual das zonas urbanas.

Assim, os alunos recontam histórias livres contados por amigos ou familiares; brincadeiras que eles mais gostam de fazer nas suas horas livres. Foram retiradas do *corpus*, as histórias escritas na língua elómuwé ou em echuwabu, por não serem objetivo de análise, e realizada a análise de histórias escritas em português com o objetivo de se estudar as marcas de interferência lingüística da L1 para a L2.

A análise preliminar da observação das palavras/frases retiradas das histórias recontadas levou à constatação de que as marcas de interferência lingüística verificadas na L1 do aluno, na oralidade e na escrita são transferidas para a L2, quando da aquisição do português, fato que se pode constatar nos seguintes exemplos:

1. “ Um dia macaco estava de fome e comeu comida amigo” em vez de “ Um dia macaco estava com fome e comeu a comida do amigo”
2. “ Um dia coelho não tinha nada de comer. Foi na casa cagado pedir comida” em vez de “ Um dia o coelho,por não ter nada de comer, foi a casa do macaco pedir comida”



3. “Eu custo de jogar bola” em vez de “Eu gosto de jogar a bola”
4. “Sim valamos echuwabo por a conversa anima muito” em vez de “ Sim, falamos em achuwabo porque a conversa”anima” muito”
5. “com os meu amigos brincadeira que costa é chogu fica 24 pedras e duas pessoas” em vez de “a brincadeira que gosto de fazer com os meus amigos é o jogo das 24 pedras e que entram duas pessoas”
6. “o coelho levo um ovo comeu caçado quando jecou...(incompreensível)” em vez de “O coelho levou um ovo e comeu. Quando o cágado chegou...”

Os fatos sugerem-nos que as estruturas gramaticais/lexicais aprendidas na L2, na 3<sup>a</sup> classe, não dão bases gramaticais suficientes para o aluno da 4<sup>a</sup> classe escrever e ler com correção a língua portuguesa, língua que só a partir da 3<sup>a</sup> classe adquire a estrutura escrita da língua, apesar de ter algum conhecimento do português oral das classes anteriores.

Sendo assim, neste trabalho, esta investigação será pautada pela análise do *corpus* selecionado no discurso escrito de alunos falantes do elómuwè e echuwabo como L1, do grupo bantu, e tendo o português como L2, aprendido em contexto de sala de aula, com pelo menos um ano e meio de exposição escrita do português; três anos e meio com exposição oral do português; quatro anos e meio com exposição do português escrito (7<sup>a</sup> classe) e sete anos com exposição do português oral.

### **Limitações do Estudo**

Relativamente às aulas, verificou-se que durante a primeira fase de recolha de dados, janeiro e fevereiro de 2010, a concentração dos alunos nas aulas, nas primeiras duas semanas, era muito limitada devido à grande mistura de alunos de idades diferentes na mesma sala de aula, bem como de níveis de escolaridade diferentes, motivada por alguma desorganização no enquadramento dos alunos nas respectivas classes e turmas. Esta situação já não se verificou na segunda fase de recolha de dados, meses de agosto à novembro de 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Algumas salas de aulas não têm condições físicas para albergar turmas numerosas, principalmente nos dias de chuva, já que o teto das salas, de material local e precário, deixa entrar muita água da chuva, agravada com a falta de carteiras ou bancos para os alunos se sentarem. Muitos dos alunos trazem os seus bancos de casa ou sentam-se no chão das salas, ou simplesmente faltam nos dias que chove muito.

Quanto aos professores, verificou-se que a falta de formação pedagógica contínua obriga-os a seguir metodologias não adequadas ao EB, seguindo os métodos do ensino monolíngüe, o que contribui para as dificuldades que os alunos encontram na aprendizagem da segunda língua, o português. A falta de material didático, livros e manuais do aluno, que se faz sentir em algumas das escolas de ensino bilíngüe, contribuem para a grande desmotivação de alguns professores ensinarem neste tipo de ensino, bem como a desmotivação de alguns pais e encarregados dos alunos em matricularem os seus filhos neste ensino.

No que concerne as entrevistas feitas aos responsáveis pelos alunos, não foi possível entrevistar todos os seis das duas escolas, alguns faltaram por ser a época da colheita, encontrando-se nas suas zonas de cultivo.

Em relação ao material escrito dos alunos para a análise, não foi possível em alguns dos alunos selecionados fazer a leitura dos mesmos devido à grande dificuldade que demonstraram na escrita, no preenchimento dos questionários e na feitura de redações.

## Referências

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora?** 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CARDOSO, A. J. “*A importância do Erro e as Interferências Linguísticas no Processo de Aquisição de uma língua Não Materna*”, 2007.  
[www.performar.org/revista/edição\\_22/](http://www.performar.org/revista/edição_22/) PDF. Acesso em 12/09/2009.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

FIMINO, G. A. “ **Questão Linguística**” na África Pós-colonial: o Caso do Português e das Línguas Autóctones em Moçambique. Maputo: PROMÉDIA, 2002.

GONÇALVES, P. “Aspectos da sintaxe do Português de Moçambique”. In Faria, I. et alli. (orgs) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996a.

GONÇALVES, P.; SITO, B. “Mudança lingüística em situação de contacto de línguas: o caso do changana e do português”. in *Travessias*, nº1. Rio de Janeiro: 1999: 73-86.

GONÇALVES, P. (org.) et al. **Mudanças do Português em Moçambique**: Aquisição e formato de estruturas de subordinação. Maputo: Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 1998.

LOPES, A. J. et al. **Moçambicanismos**: Para um léxico de usos do Português Moçambicano. Maputo: Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 2002.

MELLO, H. A. B. **O falar bilingue**. Goiania: Ed. Da UFG, 1999.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de Linguística Aplicada**: a natureza social e educacional dos processos de ensino-aprendizagem de língua. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

NGUNGA, A. **Introdução à Linguística Bantu**. Maputo: Imprensa Universitária. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo: 2004.

NGUNGA, A. “A problemática de interferências de línguas moçambicanas no Português de Moçambique”, apresentada no *Simpósio Interpenetração da Língua e Cultura de/em Língua Portuguesa na CPLP*, S. Vicente, Cabo Verde: 2008.